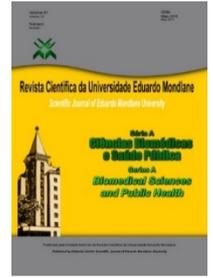


Pre-print



DO CORPORATIVISMO AO COOPERATIVISMO: globalização reversa, política cooperativa e ampliação da comunicação online no tempo pós-pandêmico

Daniel Francisco Nagao Menezes

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Ernani Contipelli

International Business School The Hague, Holanda

A ser publicado na: Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública - ISBN 2307-3896

Data de submissão: 27/07/2020

Data de aceitação: 18/09/2020

Data de publicação: xx/xx/xxxx

Como citar este artigo: MENEZES, D. F. N., CONTIPELLI, E. Do corporativismo ao cooperativismo: globalização reversa, política cooperativa e ampliação da comunicação online no tempo pós-pandêmico. **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. bioméd. saúde pública.** *Pre-print*, 2020.

Este é um arquivo PDF de um artigo que sofreu aprimoramentos após a aceitação, como a adição da página de rosto, metadados e a formatação para facilitar a leitura, mas ainda não é a versão definitiva. Esta versão passará por revisão e edição de texto adicionais antes de ser publicada no seu formato final. Esta versão foi disponibilizada para fornecer visibilidade antecipada ao artigo. Observe que, durante o processo de produção editorial, podem ser descobertos erros que podem afetar o conteúdo.

DO CORPORATIVISMO AO COOPERATIVISMO: globalização reversa, política cooperativa e ampliação da comunicação online no tempo pós-pandêmico

Daniel Francisco Nagao Menezes¹ e Ernani Contipelli²

¹*Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil*

²*International Business School The Hague, Holanda*

RESUMO: No período pós-pandemia, uma redefinição de política e globalização é mais do que possível. Existem muitos cenários possíveis - um deles é o modelo cooperativo como antídoto à política polarizada e à globalização corporativa. O objetivo deste breve documento de discussão é apresentar a proposta da mudança do corporativismo para o cooperativismo internacional como um modelo funcional para enfrentar os desafios local e globalmente.

Palavras-chave: Cooperação, corporação, globalização, política.

FROM CORPORATIONISM TO COOPERATIONISM: reversed globalization, cooperative politics and expanding online communication in post-pandemic time

ABSTRACT: In post-pandemic time a redefinition of politics and globalization is more than possible. There are a lot of possible scenarios – one of them is the cooperative model as an antidote to the polarized politics and corporative driven globalization. The aim of this short discussion paper is to present the proposal of the shift from corporationism to cooperationism as a functional model in addressing challenges locally and globally.

Keywords: Cooperation, corporation, globalization, politics.

Correspondência para: (correspondence to:) nagao.menezes@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mundo em novembro de 2019 estava em boas condições econômicas, apesar de várias ameaças e problemas poderem facilmente atrapalhar ou minar o crescimento e causar instabilidade. O crescimento anual da economia global foi de quase 3%. O crescimento em 2020 foi projetado para 3,4% (FMI, 2019). O total de deslocamentos internacionais de turistas atingiu 1,4 bilhão em 2019, com o total de exportações internacionais de turismo (recebimentos internacionais de turismo mais transporte de passageiros), um dígito astronômico de 1,7 trilhão de dólares (Destaques do Turismo Internacional, 2019). Outro exemplo de conectividade muito intensa foi o tráfego aéreo mais movimentado em 25 de julho de 2019, com mais de 230 mil voos de cruzeiro pelo céu em todo o mundo. Foi o ano mais movimentado da aviação na história. Os indicadores dados acima são apenas alguns escolhidos para exemplificar a interconectividade e a globalização em seu ápice.

Contudo, também existe o outro lado da moeda da globalização que é o aumento da pobreza e da miséria em algumas regiões ou países do mundo, como por exemplo, o aumento da miséria no Brasil, fato que torna o mundo mais desigual.

Em uma discussão em andamento sobre a globalização, estudiosos e pesquisadores têm analisado esse processo complicado em seus vários aspectos e nuances. Para muitos deles, a globalização criou não apenas oportunidades, mas também desvantagens, especialmente para regiões mais pobres como África e América Latina. O próprio debate provocou perguntas sobre os limites da globalização, seu escopo, camadas, atributos tecnológicos e comunicacionais. A ideia de globalização, fundada pelo Ocidente, foi inicialmente focada no comércio, com o estabelecimento de tarifas e o fluxo irrestrito de fundos e investimentos de capital. Porém, nos anos seguintes, a globalização, com seu dinamismo, incluiu muitas outras áreas, tais como a intercomunicação e a

mão-de-obra internacionalizada. A globalização é um processo dinâmico e provoca as seguintes perguntas: interconectividade significa que a cooperação internacional alcançou um nível mais alto de institucionalização e governança global mais avançada? A aceleração global cria regimes internacionais funcionais que lidam com uma ampla gama de questões, de segurança a cooperação tecnológica, econômica e financeira? Embora a globalização tenha sido um processo dinâmico e multidimensional, mas não estabeleceu o governo global - além de alguns exemplos de governança global como Organização Mundial do Comércio, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, União Europeia com suas instituições e outros altamente profissionalizados no tratamento de questões estritamente definidas.

A globalização como um processo complicado provocou severos debates nas décadas de 1990 e 2000, incluindo visões e opiniões muitas vezes contraditórias. Por um lado, era percebida como uma nova forma de desigualdade e opressão e até mesmo negócios corporativos imorais (BECK, 2000), encontrados como aceleradores dos processos de democratização (FUKUYAMA, 2015) ou ainda, como a receita certa para um choque de civilização. (HUNTINGTON, 1997).

Nos debates, o problema da desglobalização ou da globalização reversa foi omitido. Os autores elogiaram vários aspectos e a intensidade da globalização parecia ser um processo imparável. A crise financeira dos anos 2008-2012 abalou as finanças globais e os bancos que operavam globalmente. O setor financeiro estava profundamente afundado em créditos tóxicos, incapaz de se autorregular e precisava de fundos estatais dos contribuintes. Quase um bilhão de dólares em programas de estímulo empreendidos pelos Estados Unidos não reformaram substancialmente o setor financeiro e não mudaram o impulso corporativo da globalização.

A convicção de crescimento ilimitado prevaleceu novamente sem uma reflexão profunda. Novas bolhas potenciais apareceram no horizonte. Adam Tooze, em seu famoso livro sobre as ramificações negativas da crise financeira, indicou que isso provocou a repentina onda de populismo na Europa e nos Estados Unidos. Os exemplos mais óbvios, entre outros, foram o Brexit e a eleição de Donald Trump (TOOZE, 2019). Após a crise financeira, foi observada uma tendência à globalização e ao protecionismo invertidos. A ascensão do populismo enfraqueceu os fundamentos da globalização e institucionalização e definiu nitidamente seus limites. Algumas sociedades assumiram uma posição crítica ao conceito de globalização às custas da soberania, com uma clara consequência negativa ao desenvolvimento dos países economicamente mais frágeis.

Anteriormente, a tendência de ressurgir um Estado mais poderoso foi iniciada pelo terrorismo - que deu uma desculpa confiável para conter alguns dos direitos civis como um custo aceito e necessário para a segurança. Desde o 11 de setembro, o Estado ressurgiu mais vital, com um papel fortalecido no combate ao terrorismo em todas as suas formas, com capacidade adicional de vigilância. Os Estados Unidos gastaram enormes quantias na guerra global contra o terrorismo. Como resultado, o antiterrorismo trouxe uma profunda instabilidade no Afeganistão e no Iraque. Quase vinte anos se passaram e a Al Qaeda está operando e dispersando suas células para muitos outros estados da Ásia, África e Oriente Médio. As outras ameaças e desafios, como proliferação nuclear, crescente rivalidade regional e global, guerras por procuração e crescente fluxo de refugiados para a Europa estavam na lista antes do início da pandemia. Como resultado, a possível propagação global da pandemia parecia ser uma ameaça distante e não iminente. Exceto por alguns sinais de alerta da Organização Mundial da Saúde e, sinalizados por Bill Gates, a pandemia global no século 21 foi um tópico para a literatura e os filmes de ficção científica (GATES, 2018).

No final de 2019, o SARS-CoV-2 surgiu em Wuhan, China. Parecia que outras pandemias anteriores foram controladas sem interromper a atividade econômica nos estados e no mundo. O novo vírus se espalhou muito rapidamente e encontrou uma resposta lenta demais. Provavelmente, os procedimentos de tomada de decisão foram muito lentos, mesmo na China autocrática. Agora também é difícil avaliar até que ponto as sociedades abertas e individualistas são vulneráveis à disseminação do COVID-19? A liberdade é posta em risco?

Pela primeira vez na história, a cadeia global de oferta e demanda foi tão profundamente perturbada e até completamente paralisada em alguns setores. Governos de todo o mundo impuseram bloqueios e outras medidas em uma tentativa de diminuir a propagação, à medida que o número de mortes causado pelo COVID-19 aumenta consideravelmente com o espalhamento do vírus pelo mundo. Considerando relatos da London Imperial College e previsões sombrias se deixadas sem controle, o COVID-19 poderia matar mais de meio milhão de pessoas no Reino Unido, 2,2 milhões nos Estados Unidos e, 3,3 milhões no continente africano, sendo uma catástrofe para qualquer sistema de saúde no mundo (BLYTH, 2020). Depois de tomar tais precauções drásticas, o número final de mortes de um novo vírus nos Estados Unidos provavelmente seria limitado a 100.000 e, de acordo com os cenários mais pessimistas, a 200.000, ou mesmo - nas previsões mais pessimistas - a dezenas de centenas de milhares (o que não ocorreu devido a ausência de medidas do governo Trump).

Ainda assim, não há um cronograma final para a reabertura completa de todas as economias profundamente paralisadas por novos vírus. Por exemplo, na cidade de Nova York, o ápice do número de mortos foi previsto para meados de abril – o que não ocorreu – e, não se sabe quanto tempo levaria o declínio. Os bloqueios com duração superior a dois meses causariam uma recessão econômica extremamente profunda e um crescimento desenfreado de dois dígitos do desemprego. Em fevereiro de 2020, o desemprego foi o menor desde 1969. No início de abril de 2020, a taxa de desemprego nos EUA já havia crescido rapidamente para 10 milhões. É muito difícil prever agora quão profunda seria uma recessão econômica. Desde 1945, as economias ocidentais nunca foram totalmente fechadas.

Em relação à África, a pandemia começou a gerar impacto em suas economias e a desmantelar muito antes do primeiro caso ser confirmado no continente. São diversos exemplos: queda significativa de commodities africanas, fuga de capital da África, o colapso do turismo, interrupção abrupta do transporte aéreo decorrente do fechamento de fronteiras e, a desvalorização das moedas locais.

Não há como as nações africanas esperarem que o vírus seja contido por uma vacina que ainda não existe para que sejam criados programas de apoio socioeconômicos. O considerável de trabalhadores do setor informal - 85,8% da força de trabalho (OIT, 2018) não possuem condições de cumprir as regras de distanciamento social e às orientações para ficar em casa sem consequências aos seus meios de subsistência. Os trabalhadores teriam que decidir entre se proteger do vírus ou garantir seu alimento.

O comércio da área de Livre Comércio Continental Africana (AFCFTA em sua sigla em inglês), que se iniciaria em julho de 2020, teve que ser adiado em razão da pandemia, atrasando a promessa de novas oportunidades de exportação, emprego, investimentos em infraestrutura e financiamentos para o desenvolvimento da África. Enquanto as negociações para a AFCFTA estão pausadas, existe uma oportunidade para as nações africanas analisarem o impacto em potencial desse atraso prolongado e criarem uma base técnica para a sua implementação.

Exemplos são as companhias aéreas africanas que transportam aproximadamente 6,2 milhões de pessoas por ano e, o turismo, que possui uma parcela considerável do PIB, especialmente nos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS em sua sigla em inglês), foram abruptamente interrompidos. Os desafios da ausência de crédito (interno e internacional) afetarão as economias africanas, com o aumento do risco de inadimplências desses empréstimos. Isto não somente possuiu um forte impacto na crise no setor aéreo e no turismo do continente, mas também um significativo impacto na infraestrutura institucional que conecta o continente, construída ao longo dos últimos 30 anos. Governos, bolsas de valores e instituições financeiras internacionais poderiam explorar como fornecer apoio para garantir sustentabilidade e liquidez nesses setores, inclusive por meio de garantias de empréstimos ou suspensão temporária de juros.

As remessas advindas do exterior são uma importante fonte de renda direta para inúmeras famílias africana e contam com uma perspectiva de queda acentuada em países como Gâmbia, Lesoto, Libéria e Somália, países em que o impacto da transferência é aproximadamente de 10% do PIB. Nos países da África Subsariana a expectativa é de uma queda de 23,1% nestas remessas segundo o Banco Mundial. Na Somália, estas remessas perfazem mais US\$ 1,4 bilhões por ano e decaíram substancialmente.

Os países exportadores de petróleo têm uma projeção de perda de até US\$ 65 bilhões em renda, haja vista a continuação da queda dos preços do petróleo bruto e dificuldades de exportação decorrentes da retração do comércio internacional.

As consequências da crise levaram a depreciação de taxas de câmbio e das projeções para o PIB da região. A Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (ECA) prevê uma taxa de crescimento de 1,1% em 2020 no melhor cenário e uma retração de -2.6% no pior cenário, privando 19 milhões de pessoas de seus meios de subsistência e, no contexto de programas de proteção social já debilitados, levando mais 29 milhões de pessoas para pobreza.

Olhar para o mundo depois de uma pandemia pode ser tratado como um exercício intelectual na previsão de diferentes cenários. É altamente hipotético e provavelmente inadequado porque a situação muda muito rapidamente. Existem muitas incertezas porque a pandemia ainda está ocorrendo e a ameaça não resolvida se espalha rapidamente em muitos Estados e continentes. Não é certo quando o momento de um período pós-pandemia será alcançado e declarado. Um cenário altamente plausível existe há muito tempo no meio do caminho entre o vírus semi-suprimido e a necessidade de reabertura das economias. Nesse modelo, o aparato estatal está ganhando possibilidades e motivos quase ilimitados para a vigilância de seus cidadãos e restringindo suas liberdades com a aplicação das mais modernas tecnologias. O segundo problema está relacionado à capacidade e recursos do Estado na luta contra o novo coronavírus.

Os bloqueios de circulação estão causando danos mundiais à economia e afetando negativamente os setores mais sensíveis, como turismo, eventos, restaurantes, hotéis, cinema e muitos outros. A crise acarreta efeitos negativos e, também, positivos para as economias nacionais e global. A crise pode ser percebida como um impulso redefinido e essencial para reorganizar a sociedade e a economia, tanto em nível local quanto global.

Embora seja muito mais fácil descrever o cenário catastrófico do colapso econômico final, que acende conflitos e turbulências políticas, apenas os positivos serão levados em consideração neste texto.

Uma suposição básica é que a crise acarreta mudanças e novas aberturas com todas as redefinições, reformas e correções, a fim de evitar o próximo imbróglio pandêmico ou profunda crise das mudanças climáticas em rápida evolução. A atual crise é vista como uma chance para uma nova reforma da economia, do Estado, da sociedade e do sistema internacional.

Como uma questão urgente, a própria política como a essência da organização da vida coletiva e do poder em cada um dos níveis, de baixo para cima, deve ser reconsiderada. É uma possível mudança de jogo político? É possível sustentar um cenário político altamente polarizado, por exemplo, no Brasil e nos Estados Unidos? O cenário político profundamente polarizado não será capaz de lidar com crises significativas e devastadoras e com a depressão econômica. A rivalidade política é um trunfo do discurso em um sistema político democrático e em um ambiente estável. Enfrentando uma crise profunda, a sociedade está procurando líderes que possam efetivamente lidar com a recessão. Além disso, conflitos políticos estão provocando tensões desnecessárias que podem comprometer todo o sistema político.

Parafraseando o slogan de Donald Trump - tornar a comunidade grande novamente é essencial para combater atitudes egoístas e interesses particulares. Modelos sociais solidários e cooperativos parecem criar um ambiente social mais favorável. A inovação é essencial para absorver um grande

número de pessoas desempregadas. Uma ideia tão geral foi proposta por Bernie Sanders com seu novo acordo verde de promover e implementar a energia sem combustíveis fósseis.

O modelo cooperativo deve ser adaptado nas comunidades, Estados e globalmente. No mundo pós-pandemia, uma abordagem cooperativa pode mitigar ou desacelerar ameaças, incluindo pandemias, crise climática, refugiados, segurança cibernética e terrorismo e outros desafios. Uma perspectiva mais ampla sobre esses desafios ajudaria a evitar decisões erradas e empregar estratégias caras.

A amarga lição da crise em curso é quase uma falta de solidariedade internacional na luta contra o COVID-19. A China, devido ao Ano Novo Chinês, ignorou os primeiros surtos de um novo Corona vírus e mais tarde escondeu alguns fatos, perdendo-se um precioso tempo. Um exemplo extremo é o caso do Reino Unido, onde, depois de uma imprudência inicial por ignorar o novo vírus, as autoridades ordenaram quarentena estrita, distanciamento social e fecharam os principais lugares do país. A incapacidade e a falta de capacidade de resposta ao COVID-19, tanto local quanto internacionalmente, resultam em aumento da disseminação e maior número de mortes e o custo do bloqueio atingiria trilhões de dólares. Outro aspecto está relacionado à dor e insegurança social causadas pela recessão. É uma chance de uma cooperação mais eficaz, multinível e internacional. Instituições como a Organização Mundial da Saúde e outras formas de cooperação seriam mais eficazes e muito mais bem equipadas para enfrentar uma nova pandemia. Ameaças globais precisam de uma resposta global. No caso do COVID-19, a resposta foi fragmentada e o custo é uma recessão global. Compartilhamento de conhecimento em vez de informações isoladamente interpretadas.

Outro cenário possível seria uma globalização reversa e produção de suprimentos mais localmente organizados. A crise está desafiando vários aspectos aparentemente inabaláveis da globalização, como interconectividade, transferências tecnológicas com know-how e criando uma grande oportunidade para o desenvolvimento e investimentos em regiões mais inferiores. A produção é muito dispersa em diferentes continentes devido a custos mais baixos. A pandemia mostrou a fraqueza de tais suposições, os medicamentos e equipamentos de proteção estratégicos de todo o mundo são produzidos na China. A produção globalizada é mais barata, porém mais arriscada no caso de uma crise inesperada como uma pandemia. Os resultados prováveis seriam regulamentações locais para reforçar as corporações para trazer de volta sua produção ao país de origem. Os benefícios econômicos mais importantes da globalização foram perdidos nos bloqueios do Corona vírus. Teria um forte impacto na reversão desse processo.

Com a globalização invertida, o turismo internacional provavelmente diminuiria em torno de 50% por algum tempo, devido aos riscos dos possíveis surtos de pandemia e à instabilidade política nas regiões em recessão que causaram turbulência, mas também devido à pauperização global. Essa tendência seria vantajosa para o microturismo local.

Um aspecto muito crucial da situação global é um aumento repentino de comunicações on-line - tanto no trabalho quanto no aprendizado. Várias soluções tecnológicas, especialmente aplicativos como Teams ou Zoom, estão aumentando rapidamente sua participação no mercado cibernético. As ferramentas e técnicas de comunicação on-line estão avançando e estão se tornando mais atraentes, e sociedades inteiras estão aprendendo a usá-lo na vida cotidiana. Além do setor educacional, as empresas - especialmente as pequenas e microempresas, serão mais ativas na comunicação e gestão on-line. Após a pandemia, a tendência pode não se reverter e tornar-se uma necessidade para a educação e os negócios manterem alguns aspectos de suas atividades online.

CONCLUSÕES

Todos esperamos uma grande volta à vida pública com todas as nossas atividades no trabalho, escolas, universidades, negócios, entretenimento ou cultura. A pandemia nos previu que nosso modo de vida estável está comprometido. Antes da COVID-19, o mundo estava obcecado com a

ideia de crescimento econômico impulsionado pelo consumo constantemente crescente, apesar dos alertas vermelhos de uma crise climática global se aproximando.

A pandemia está nos dando uma experiência geracional, desmascarando a fragilidade de nossa existência estável. Agora, todas as nossas premissas foram testadas e existe o momento certo para redefinir e melhorar os modelos sociais, políticos e econômicos nos quais o mundo está funcionando. É apenas uma pequena tentativa de como a vida em uma crise global de mudança climática poderia funcionar.

Uma das melhorias deve ser repensar a ideia de um desenvolvimento falso impulsionado por grandes empresas, concentrando-se nos benefícios financeiros às custas do ambiente natural, segurança e bem-estar das comunidades locais. A mudança ideológica é mais do que necessária, rumo ao conceito mais cooperativo e menos empresarial. O modelo cooperativo deve ser ajustado ao sistema político e à economia. A globalização foi um processo vantajoso para grandes corporações. Seus benefícios se evaporaram em tempos de crise de COVID-19, que expuseram claramente todos os problemas globais de cadeias de produção e suprimentos muito longas e inseguras. O próximo passo seria diminuir a supervisão da atividade de muitas empresas e forçar o retorno de alguns negócios cruciais ao mercado doméstico.

Finalmente, a política deve ser redefinida. A crise da COVID-19 pede uma resposta mais coerente e responsável ao aumento das tensões sociais. O modelo cooperativo de política deve basear-se em amplo consenso.

Há momentos raros para empreender um grande reajuste - semelhante ao do ano 1945, quando acabou a II Guerra Mundial. O combate às ameaças globais parece ser possível apenas com uma abordagem cooperativa em diferentes níveis - das comunidades locais às relações internacionais. O COVID-19 abalou nossas sociedades e economias. Provavelmente, este é o último desafio global tão leve antes que os próximos, provavelmente mais difíceis e mais destrutivos, sejam direcionados às mudanças climáticas. O tempo está passando.

REFERÊNCIAS

BECK, U. **What is globalization?** Cambridge: Polity Press, 2000.

BLYTH, M. **Why America's growth model suggests it has few good options.** Foreign Policy, 30 de Março de 2020. Disponível em: https://www.foreignaffairs.com/articles/americas/2020-03-30/us-economy-uniquely-vulnerablecoronavirus?utm_campaign=tw_daily_soc&utm_source=twitter_posts&utm_medium=social. Acesso em 27/07/2020

FUKUYAMA, F. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

GATES, B. Innovation for Pandemics. **The New England Journal of Medicine**, v. 378, n.01 p. 2057-2060, 2018.

HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order.** New York: Touchstone, 1997.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Mulheres e homens na economia informal: um retrato estatístico.** Genebra: OIT, 2018.

TOOZE, A. **Crashed: how a decade of financial crises changed the world.** London: Penguin Books, 2019.